



Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade de Educação (FE)

Curso de Pedagogia

DUCINÉIA SILVA NASCIMENTO

**O LUGAR DA MEMÓRIA EDUCATIVA NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

BRASÍLIA, DF

2011

Ducinéia Silva Nascimento

**O LUGAR DA MEMÓRIA EDUCATIVA NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

Monografia apresentada a Banca Examinadora da Faculdade de Educação como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

BRASÍLIA, DF

2011

Ducinéia Silva Nascimento

**O LUGAR DA MEMÓRIA EDUCATIVA NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

Monografia apresentada a Banca Examinadora da Faculdade de Educação como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Aprovado em: 18 de julho de 2011.

Prof. Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof. Dr Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Universidade de Brasília

Ms. Karen Domingues Geisel
Instituto de Educação Superior de Brasília

Dedico esta monografia a Deus, causa primária de todas as coisas e à minha família amada, pela confiança de sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, à minha família, parentes e amigos pelo apoio nas horas difíceis.

A todos os professores que pude encontrar durante esta caminhada e que com certeza deixaram suas marcas. À minha orientadora: Prof. Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Aos integrantes da banca: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha; Ms. Karen Domingues Geisel.

E a todos aqueles que não fizeram parte da banca, mas que deram contribuições valiosas para a construção deste trabalho.

“Podemos atribuir múltiplos sentidos ao passado histórico, mas não podemos negar a sua existência.”

RESUMO

Este trabalho trata da relevância da memória educativa na prática pedagógica, buscando compreender o ambiente escolar como espaço de subjetivação na constituição do sujeito. A partir de um olhar da psicanálise, ressalta-se a relevância de se analisar as marcas inscritas no sujeito docente, compreendidas nas dimensões consciente/inconsciente. Como as experiências marcantes vividas em sua época como aluno podem afetar a sua atuação profissional. O trabalho trata da prática pedagógica, versando sobre sua evolução histórica e suas tendências. Expõe um estudo de caso como forma de identificar a relação entre memória educativa e prática do educador.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Educativa. Prática Pedagógica. Psicanálise.

ABSTRACT

The text refers about educational memory in the pedagogic practice, trying to understand the ambient school like a space of subjectification in the subject construction. From the point of psychoanalysis, this one emphasizes the importance to analyze the marks entered in subject teaching, including dimensions in conscious/unconscious in size. How the significant experiences that happened in his student life may affect in your professional performance. It refers to teaching practice, talking about your historic evolution and your tendencies. Shows a study of a case like a way to identify the relation between educational memory and the educator practice

KEY WORDS: Educative Memory. Pedagogic Practice. Psychoanalysis;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UnB – Universidade de Brasília

ICC – Instituto de Central de Ciências

PAS – Programa de Avaliação Seriada

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

GDF – Governo do Distrito Federal

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SUMÁRIO

Ducinéia Silva Nascimento.....	i
APRESENTAÇÃO.....	12
PRIMEIRA PARTE.....	13
CAPÍTULO I.....	13
1 MEMORIAL.....	13
1.1 FORMAÇÃO BÁSICA.....	13
1.2 CURSO DE PEDAGOGIA.....	15
1.2.1 Experiência de Extensão.....	16
1.2.2 Experiência de Estágio.....	17
SEGUNDA PARTE.....	19
INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO II.....	22
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	22
2.1 ESCOLA.....	22
2.2 ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA.....	24
2.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	25
2.4 PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO.....	31
Inconsciente.....	32
Sexualidade.....	33
Desejo.....	34
Memória.....	34
Sublimação.....	35
Transferência.....	35
Sedução pedagógica.....	36
2.5 MEMÓRIA EDUCATIVA.....	38
CAPÍTULO III.....	43
3 METODOLOGIA.....	43
CAPÍTULO IV.....	45
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	45
4.1 RELATO DAS OBSERVAÇÕES.....	45
CAPÍTULO V.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
TERCEIRA PARTE.....	51
CAPÍTULO VI.....	51
6 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	56
ANEXO A – Roteiro para elaboração da memória educativa.....	57
ANEXO B – Memória educativa da docente entrevistada.....	61

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho representa a conclusão do processo formativo em nível de graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da prof. Dra. Inês Maria Zanforlin Pires de Almeida e se divide em três partes.

A primeira se configura em uma narrativa da memória educativa da autora onde são colocados alguns momentos significativos de sua trajetória escolar até este momento.

A segunda traz uma definição do tema, colocando o problema, as justificativas e o levantamento bibliográfico sobre o tema, os recursos metodológicos utilizados na pesquisa empírica.

Na terceira e última parte são feitas algumas projeções futuras para carreira profissional.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

1 MEMORIAL

"Não basta olharmos para o passado de fatos e fazermos uma análise dos acontecimentos. O primordial é refletir o que se faz desse passado, em virtude de uma res-significação presente."

Nastassja Silva Néto

A memória não é apenas uma escrita do sujeito, pois através de sua narrativa é possível perceber como se desenvolveu o processo educativo e as influências sofridas ao longo do percurso. Então é algo do inconsciente para além do enunciado, uma emergência mínima do sujeito da enunciação (inconsciente).

1.1 FORMAÇÃO BÁSICA

Quando meu pai veio para Brasília não tinha a pretensão de aqui morar. Ele queria apenas cuidar de sua saúde. No entanto, percebeu que sua permanência na Capital Federal lhe proporcionaria melhores condições sociais e por isso decidiu residir aqui.

Quando saímos da Bahia, eu estava iniciando a pré-escola. Chegando aqui havia poucas instituições públicas de ensino e elas não eram suficientes para acolher todas as crianças, priorizando as mais velhas.

Aos 8 (oito) anos comecei minha jornada como educanda. As séries iniciais do Ensino Fundamental, primeira a quarta, conclui na Escola Classe 511 de Samambaia, Distrito Federal (DF). Quando comecei a estudar a ansiedade era grande. Toda vez que chegava em casa a prioridade era realizar as atividades que a professora solicitava. Essa grande inquietude, somada ao desejo de aprender a escrever o mais rápido possível, fez com que eu chegasse a rasgar a folha do caderno de tanto copiar e apagar o dever, buscando a forma mais bonita e perfeita de concluí-lo.

Na 2ª (segunda) série tive a oportunidade de passar para a etapa seguinte a partir de uma prova realizada no meio do ano, mas como não consegui a nota suficiente permaneci onde estava. Adorava as professoras e possuía um bom relacionamento com elas.

Durante o tempo que passei nas series iniciais fui considerada, pelos meus familiares, estudiosa e inteligente. Hoje posso concluir que não se tratava de ser inteligente e sim uma questão de esforço. Neste período eu me dedicava profundamente aos estudos, considerava-me boa aluna.

Cursei a 5ª (quinta) série na Escola Classe 307 de Samambaia. Neste estágio passei por algumas dificuldades, pois os conteúdos ficaram mais difíceis e aumentaram às tarefas que eu tinha que executar. Como nesta instituição abrangia somente até a 5ª série após concluí-la tive que mudar para outro colégio, Centro de Ensino 507 de Samambaia, onde terminei o 1º (primeiro) grau, atual Ensino Fundamental.

Na 6ª (sexta) série tive uma relação boa com os professores, principalmente o de matemática. Essa disciplina sempre foi minha preferida, por isso fazia a maioria dos exercícios propostos para casa com cuidado e dedicação.

No ano seguinte comecei a ter aulas de língua estrangeira, inglês. Isso porque em 1998 a iniciação ao estudo de língua estrangeira começava na 7ª (sétima) serie. Foi uma ótima experiência. O método de ensino adotado pelo professor facilitava muito a nossa aprendizagem. Recordo que foi com o professor dessa matéria que ouvi, pela primeira vez, falar sobre a Universidade Brasília (UnB). Esse docente compartilhou com os alunos sua experiência vivida para ingressar nesta universidade. Revelou que estudou até dar ânsia de vomito. Comentou, também, que o Instituto de Central Ciências (ICC) era conhecido como minhocão devido a sua forma e dimensão.

Conclui todo 2º (segundo) grau, ensino médio, no Centro Educacional 304 de Samambaia. Passei por vários momentos bons e ruins durante esta etapa. No primeiro ano descobri que caso não gostasse da aula poderia não assisti-la e não precisaria dar satisfação ao professor, devendo apenas ter o cuidado para não exceder o limite de faltas. Então comecei a “matar” algumas aulas, principalmente a de química, a última de sexta-feira, que eu achava muito chata e cansativa. Essas minhas ausências estratégicas resultou em uma recuperação, que felizmente consegui regenerar-me.

No 2º (segundo) ano depois do que foi vivido na série anterior tirar notas boas já não era mais a pretensão. O objetivo era ficar na média, mas nem sempre eu conseguia atingir e por isso acabei ficando de recuperação outra vez, só que agora em português, e novamente me recuperei.

Chegou no 3º (terceiro) e último ano do ensino médio. Este foi o mais divertido de todos. Sentia-me mais próxima dos colegas da turma e dos professores. Foi tão bom que acabei de recuperação em duas matérias: filosofia e matemática. Minhas amigas também ficaram. Desta vez consegui recuperar apenas uma e tive que fazer recuperação paralela na outra. Recuperação paralela é quando o aluno passa, mas fica devendo a matéria, tendo que rever os conteúdos no ano seguinte e somente ao final conseguirá de fato a conclusão da série, sua recuperação pode ser através de trabalhos ou provas.

No segundo semestre de 2003 comecei a fazer cursinho pré-vestibular. Entrar na Universidade de Brasília era um sonho, além de um grande desafio.

“O meu Deus nunca falhará eu sei que chegará minha vez. Minha sorte ele mudará diante dos meus olhos...”

Trazendo a Arca

Depois de tentar mais de uma vez consegui êxito no vestibular e assim ingressar na Universidade de Brasília, considerada uma das melhores do Brasil. Esta sensação é tão gratificante que todas as dificuldades enfrentadas desapareceram. Minha família fez uma festa em comemoração. Todos nos estávamos muito felizes. Fiquei sem acreditar por várias semanas.

1.2 CURSO DE PEDAGOGIA

O primeiro semestre, apesar de toda a ansiedade, foi muito bom. Fiz novas amizades que ficarão na memória. Esse foi um período de grande aprendizado.

Não sei se para satisfizer um pouco o desejo que meu irmão tinha de me ver fazer Psicologia ou o fato dessa temática fazer parte do currículo do meu curso, a verdade é que essa foi uma área que muito me atraiu durante minha graduação, sendo a Psicologia da Educação uma das disciplinas que mais me marcaram na

UNB. Nela, pela primeira vez, ouvi falar sobre Freud, além de outros especialistas da psicologia. Ouvir algumas amigas falarem o quanto gostaram da disciplina Inconsciente e Educação despertou em mim forte interesse de fazê-la e fiz. Confesso que gostei tanto que durante o semestre vislumbrei a ideia de fazer Trabalho de Conclusão de Curso com a temática abordada na psicanálise. Mas como é de costume mudar de opinião deixei esse desejo de lado e fui em busca de novas experiências.

Houve um período no curso em que cheguei a duvidar se realmente era para eu está lá, pois definitivamente não me senti pertencente àquele ambiente e pensei em desistir. Nesta época estava fazendo o Projeto 3 “Organizações Educativas e Relações Étnico-Raciais e de Gênero”, o qual me deu o suporte que estava precisando no momento, já que não se tratava apenas de elaborar projeto de pesquisa e sim de trocar conhecimentos, ir a campo fazer observações, além, é claro, de leituras abordando a temática. Isso me deu subsídio informacional para compreensão que tenho hoje de como se estabelece a relação do negro dentro da escola, que não é nada menos que o reflexo da sociedade.

Na época de escolher um dos Projetos 4 (Estágio Supervisionado) fiquei na dúvida sem saber qual dos projetos escolher. Então fiquei sabendo do projeto com a temática psicanalítica.

1.2.1 Experiência de Extensão

Particpei do Projeto Conexões de Saberes, que é uma política de extensão universitária adotada na Universidade de Brasília. Esse projeto surgiu com o objetivo de promover à democratização do acesso a educação superior, assim como o Programa de Avaliação Seriada (PAS), Sistema de Cotas para Negros e a Reserva de Vagas para Indígenas. A diferença entre o Projeto Conexões de Saberes e os outros referidos anteriormente é que ele não se limita a possibilitar o acesso dos alunos oriundos das camadas populares à universidade, mas também busca meios que favoreçam a sua permanência com qualidade.

A iniciativa de projetos como estes desenvolvidos por universidades públicas é de fundamental importância para os estudantes de origem popular por oferecer a eles uma bolsa que contribui para os gastos necessários aos universitários com

xerox de textos, compra de livros, alimentação e transporte além de promover uma conscientização política e o fornecimento de subsídios para atuação de seus participantes em suas comunidades de origem.

O tempo que participei do projeto foi muito proveitoso já que como se trata de atividade voltada para uma comunidade que em muitos casos não vislumbra a possibilidade de cursar uma universidade pública, foi preciso fazer um estudo antes. Para isso tive um ano de preparação com leituras voltadas para a educação popular e conscientização política.

Dentro desta perspectiva cada participante do projeto elaborava formas de atuação que fosse compatível com sua área de atuação. Por ser da Pedagogia meu trabalho era desenvolvido com crianças de 8 (oito) a 10 (dez) anos. Tínhamos um encontro de duas horas por semana com as crianças e reuniões uma vez por semana para falar de nossas experiências na comunidade e discussão de textos.

Foi muito bom o tempo que permaneci no projeto. Além de se configurar como um grupo de apoio deu a sensação de retribuir àqueles que, mesmo indiretamente, cooperaram para a minha formação. O primeiro ano foi bem proveitoso mesmo não tendo feito nenhum trabalho com as pessoas da região. Essa etapa inicial foi dedicada à realização de um planejamento bem detalhado das atividades que seriam desenvolvidas no Núcleo de Extensão da Universidade de Brasília em Brazlândia, DF. Como não houve trabalho com os moradores locais, as resenhas escritas foram o grande diferencial, pois ao escrevê-las pude exercitar mais a minha escrita e transmitir minha opinião sobre os assuntos abordados nos textos sugeridos.

1.2.2 Experiência de Estágio

Tive o prazer de ter uma experiência de Estágio nas férias. Estava sendo muito agradável de início, só que próximo ao início do semestre letivo tive que abandonar, pois percebi que ele tomava muito tempo e estando eu no processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não teria como conciliar as duas coisas. Posso afirmar que o pouco tempo que permaneci desenvolvendo atividades em sala de aula foi proveitoso e vai servir de referência para futuras atuações como pedagoga.

Ao longo do curso diversas disciplinas apontaram como critério de avaliação o trabalho/pesquisa de campo que nos renderam algumas horas de observação para entendermos a abordagem do conteúdo estudado na faculdade, nos possibilitando, em alguns casos, o contato com a realidade de sala de aula antes mesmo do Estágio Supervisionado.

Todas as minhas observações aconteceram em escolas da de pública do Distrito Federal. Isso ocorreu porque o meu desejo sempre foi atuar com o público desse setor devido a minha experiência como estudante e a vontade de “fazer a diferença”.

SEGUNDA PARTE

INTRODUÇÃO

A realidade brasileira, quanto ao papel das escolas de educar e tornar seus alunos cidadãos críticos para o convívio em sociedade, provoca educadores e educandos por evidenciar as deficiências que ainda são pertinentes no meio acadêmico. Diante desta evidência, este trabalho tem como objetivo colocar em questão um caso específico no qual o profissional que está atuando em sala de aula tende a reproduzir ou transformar sua prática, a partir de experiências adquiridas enquanto aluno. Kupfer (2001) ressalta que, enquanto uma instituição estiver voltada para a repetição não poderá haver uma manifestação dos sujeitos e, com isso, não se beneficiarão com os efeitos da verdade e da transformação que surgem quando há espaço para falas singulares.

Diante da abrangência da teoria psicanalítica e a estreita relação desta com a prática educativa, este estudo tem a sua relevância na compreensão da memória educativa para a prática pedagógica. Pois como poderá ser percebido ao longo dele, a prática pedagógica está permeada de manifestações da ordem do inconsciente construídas durante o percurso escolar dos professores. Mas não só neste período, já que abrange toda uma história perpassando a escolar.

Neste sentido, três aspectos serão considerados: compreender a instituição escolar como espaço de subjetivação na constituição do sujeito, trabalhar com a identidade resgatando a importância do inconsciente e da subjetividade no cenário escolar e verificar o que permanece no inconsciente quanto a fatos e professores que foram significativos durante a vida escolar e as possíveis repercussões na profissão.

Como problemática norteadora de toda construção deste trabalho apresenta-se o seguinte questionamento: é possível perceber o processo escolar a partir da produção da memória educativa como uma prática de transformação ou conservação do ato educativo?

O interesse em abordar o tema memória educativa e prática pedagógica surgiu devido ao fato de encontrar-me inserida na escola desenvolvendo atividades do Projeto 4 (Estágio Supervisionado) fase 2 intitulado: “O lugar do infantil na formação de professores e alunos das series iniciais” realizado com professores e

alunos de uma escola pública do sistema de ensino, da Secretária de Educação do Governo do Distrito Federal (GDF).

O projeto 4 citado anteriormente, propõem uma reflexão da importância de formação e atuação docente e da compreensão do lugar do infantil na constituição do humano. Para isso a memória educativa tem-se constituído como um dos mais interessantes dispositivos de estudo e pesquisa na formação inicial e continuada de professores, especialmente quando referenciadas no aporte teórico da psicanálise. Dentre outros, o projeto 4 tinha por objetivo trabalhar a memória educativa e história de vida de professores atuantes e dos alunos. Aos docentes a proposta era aprofundar o trabalho com a memória educativa e história de vida no sentido de discutirmos a importância das experiências subjetivas vividas pelo sujeito e seus laços com a constituição da identidade profissional docente e as possíveis implicações na prática pedagógica. Para as crianças em fase de alfabetização justifica-se o estudo pictórico de suas memórias e a compreensão das mesmas através do aporte psicanalítico à semelhança das preocupações freudianas com a origem (Ur), a fim de aprofundarmos a questão da subjetividade/identidade do sujeito infantil.

O tema tratado é relevante, pois possibilita relatar o que ficou registrado na memória dos professores durante o período que permaneceu em uma instituição educativa na condição de estudantes. Um de seus efeitos é possibilitar ao profissional da área de educação uma reflexão sobre sua vida escolar, proporcionando a ele identificar os acontecimentos que o influenciaram na escolha da profissão, além de tornar possível a compreensão do ato educativo. Assim, a prática educativa a partir da memória do educador sob o olhar da psicanálise, visa reconhecer o sujeito na criança que aprende, provocando inflexões em sua prática educativa conhecida, incitando a conceber o ato educativo de outro modo. (KUPFER, 2001).

O assunto abordado oferece a possibilidade de pensar a memória educativa, de outra forma. Partindo da visão de que é interessante refletir sobre sua história de vida, pois a partir dela pode-se suscitar lembranças de vivências que foram significativas e merecem ser lembradas. Além de instigar o desejo dos professores à busca da compreensão da memória educativa não como uma cobrança feita aos educadores e sim à realização da reflexão de sua prática. Para Almeida (2003, p.9),

ir fundo na recuperação e análise crítica da memória educativa torna-se extremamente desafiador, trabalhar com a memória é reconhecer que esta se situa na fronteira entre a objetividade e subjetividade por isso a exigência de estar atento à polifonia e às formas com que as lembranças são construídas.

Então a memória educativa vai muito além de uma simples escrita. Ela parte da reflexão de uma história construída anteriormente à sua prática, e apresenta-se como possibilidade do entendimento dos porquês de suas atitudes, fazendo com que ocorra uma transformação do que considera negativo ou uma reprodução das coisas positivas.

CAPÍTULO II

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 ESCOLA

A escola como instituição social de massa, surge no final do século XIX. Conforme Speller (2004) a escola data do final do século XVII e nesta época era destinada ao clérigo e depois para os meninos, as meninas só serão incluídas entre o final do século XVIII e início do século XIX. Até esta época as escolas, em sua maioria, estavam atreladas às instruções religiosas preocupadas com a formação de sacerdotes, transmitindo um saber dogmático e elitista. Só então, com a revolução industrial, e a formação da sociedade capitalista, ocorreu o processo de escolarização. Na visão liberal cabia à escola difundir os conhecimentos necessários ao bom cidadão. Com o fortalecimento do modo de produção capitalista diminuiu o interesse das associações e entidades, transferindo, pouco a pouco, tal responsabilidade para o Estado. Hoje a organização do trabalho na escola deve atender os interesses e necessidades de uma proposta educacional voltada para a emancipação dos alunos oriundos das classes trabalhadoras (GRINSPUN, 1983).

As escolas são instituições especializadas na formação humana, e, em especial na educação básica. Têm a função de garantir a apropriação da cultura, para que a pessoa possa se inscrever na sociedade, e na construção das capacidades e condições subjetivas para poder intervir na mudança dessa mesma sociedade.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),

o sistema educacional do País se organize, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. Essa igualdade implica necessariamente o acesso à totalidade dos bens públicos, entre os quais o conjunto dos conhecimentos socialmente relevantes (BRASIL, 1997)

A instituição escolar, principalmente aquela destinada a educar crianças, deve estar atenta à formação inicial de seus alunos e à forma como eles se relacionam, já

que esse é o primeiro contato deles com a sociedade. Tem como objetivo transmitir o conhecimento e promover a socialização dos diversos sujeitos. Sendo assim, é o órgão encarregado de oferecer o conhecimento sistematizado. Além de estar atenta às relações humanas que nela são estabelecidas. O ambiente escolar colabora para a apropriação e construção das condições subjetivas do sujeito, tanto quanto o conjunto de exemplos de vida daqueles que estão nesse espaço social contribui para a formação, para a educação do estudante. A formação humana na escola é um processo de desenvolvimento de condições subjetivas para ser sujeito e autor de seu futuro e contribuir para a construção da história pessoal e social.

A finalidade da educação escolar e a transmissão sistemática dos conteúdos de ensino de modo a assegurar que os alunos deles se apropriem ativamente e possam reelaborar conhecimentos embasados na compreensão científica do real. A partir desta finalidade a escola tem uma dinâmica própria, mesmo sendo pública ou particular, suas características são específicas e distintas. Cabe a cada escola desenvolver seu próprio conjunto de normas e valores e sua cultura processados, traduzidos e combinados de acordo com os interesses da escola e da comunidade de onde está inserida. Neste sentido lembramos que, os conhecimentos adquiridos a partir da teoria psicanalítica também possibilitam “exortar os educadores a encontrar formas novas, adequadas à nossa cultura e próprias a cada região, ou talvez a cada escola, ou quem sabe a cada aluno, de recuperação dos dispositivos simbólicos da educação” (KUPFER, 2001, p.73).

Segundo Freire (2001) a escola alcança sua plenitude quando se constitui um espaço de construção do conhecimento e do exercício da crítica as relações sociais vigentes, buscando a transformação da ordem social injusta e desigual. Constitui assim um espaço privilegiado de formação do educando. Contudo, verifica-se que desde que originalmente formada as instituições educativas, as práticas pedagógicas configuram-se reflexo das características de seu período. Sabemos que hoje, na sociedade brasileira, é comum falar-se sobre a diversidade cultural e a valorização da subjetividade do sujeito. Sendo a escola uma instituição que está inserida nesta sociedade, o discurso proferido por ela não poderia ser diferente.

2.1 ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

A organização da escola segundo Saviani (1985), não se justifica por si mesma, mas sim pelos efeitos que se prolongam para além dela e persistem mesmo após a sua cessação. Em sua organização e administração, a escola precisa de flexibilidade e diversificação de práticas visando adequá-las a natureza de cada problema. Não se trata de uma dicotomia entre o novo e o tradicional, mas uma verificação do passado da escola, descaracterizando-o ou reconhecendo erros e acertos e tomando uma atitude crítica frente às novidades que se apresentam. Conhecer a organização da escola é conhecer seu dia-a-dia, seus profissionais, seus valores e crenças e compreender o significado de suas ações, pois a psicanálise mostra que as ações humanas são movidas por processos inconscientes que influenciam nossas vidas sem nos darmos conta (SPELLER, 2004). Mas também conhecer seu projeto político pedagógico, através do qual o aluno se forma não apenas para a escola, mas para a vida.

A reflexão que se deve fazer sobre a escola é não vê-la como algo acabado, mas como produto das relações sociais, da prática social de grupos e classes. A escola representa o espaço onde os processos e as teorias se desenvolvem, representa também espaço de transformação das experiências dos alunos e professores. A dimensão pedagógica da escola é seu aspecto mais importante, uma vez que sua função principal é ensinar. É aquela que valoriza a aliança da escola com seus alunos, professores e comunidade, levando em consideração todas as demais dimensões que são importantes, cabendo a ela, organizá-la de acordo com os valores explícitos em seu projeto político pedagógico.

A escola, hoje, tem o compromisso muito maior do que a mera transmissão do conhecimento ou redefinição de suas metodologias e tecnologias educativas, ela deve estar organizada interna e externamente, em seus objetivos, finalidades e, acima de tudo, princípios geradores de uma instituição que procura responder pela informação do aluno.

2.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA

A prática pedagógica pode ser entendida por atividades rotineiras desenvolvidas no cenário escolar que estão embutidas das relações sociais. De acordo com Machado (2005) o entendimento dos comportamentalistas sobre prática pedagógica refere-se, unicamente, a atividade observável e gera uma atividade concreta cujos resultados são passíveis de comprovação. Já os cognitivistas entendem a prática pedagógica como atividade de desenvolvimento do raciocínio do educando na resolução de problemas. Por fim, os humanistas que validam todo o processo de ensino aprendizagem, priorizando as relações humanas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) elucidam que

a prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. A discussão dessas questões é importante para que se explicitem os pressupostos pedagógicos que subjazem à atividade de ensino, na busca de coerência entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente se faz. Tais práticas se constituem a partir das concepções educativas e metodologias de ensino que permearam a formação educacional e o percurso profissional do professor, aí incluídas suas próprias experiências escolares, suas experiências de vida, a ideologia compartilhada com seu grupo social e as tendências pedagógicas que lhe são contemporâneas (BRASIL, 1997).

Diante do exposto anteriormente, verifica-se que há uma compreensão daqueles que participaram na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da nítida relação entre a experiência adquirida pelos profissionais enquanto estudantes com sua atuação no campo educacional. Isso porque, sendo o educador um sujeito que constrói e reconstrói sua subjetividade pela relação estabelecida com o outro, sua prática esta carregada de suas impressões subjetivas.

Libâneo (1985) coloca que a escola cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade concreta que se apresenta como constituída por classes sociais com interesses contrários. Ele relata ainda que o modo como os professores realizam os seus trabalhos, selecionam e organizam os conteúdos das matérias, ou escolhem

técnicas de ensino e avaliações estão relacionados com pressupostos teóricos metodológicos.

Em relação à prática docente predominante no meio escolar Lopes (2001 apud MALDANER, 2009) leva em consideração a existência de um modelo ideal de professor na sociedade e na formação de professores. Eventualmente o docente é identificado com a mãe, santos e santas e até com Jesus Cristo.

A identificação do magistério com a maternidade e como missão tem perpassado a história da educação. A marca religiosa na educação cunhou jargões do tipo 'sem educação não há salvação', que no Brasil acabou convocando os professores (as) a uma missão que não era a sua (MALDANER, 2009, p.7).

Para compreender as práticas pedagógicas que fundamentam o ato educativo, torna-se necessário recorrer às tendências pedagógicas de onde origina a tradição pedagógica brasileira. Conforme Maldaner (2009), o paradigma cartesiano criou uma forma de fazer ciência que trouxe consequências à educação em geral e em particular à prática pedagógica, pois segundo ele o fazer docente caracterizado nas tendências pedagógicas mais conhecidas revela a presença do paradigma cartesiano no cotidiano escolar. Tais tendências classificam-se em liberais e progressistas. Subdivididas em: liberal tradicional, liberal renovada progressista, liberal renovada não-diretiva e liberal tecnicista, progressista libertadora, progressista libertária e progressista crítico social dos conteúdos. Conforme exposto em Brasil (1997),

Pode-se identificar, na tradição pedagógica brasileira, a presença de quatro grandes tendências: a tradicional, a renovada, a tecnicista e aquelas marcadas centralmente por preocupações sociais e políticas. Tais tendências serão sintetizadas em grandes traços que tentam recuperar os pontos mais significativos de cada uma das propostas.

A pedagogia liberal é uma manifestação própria da sociedade capitalista que tende à predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade. Esta tendência sustenta a ideia de aptidões individuais e a necessidade de adaptar o indivíduo aos valores e normas da sociedade. A educação passou para a pedagogia renovada em razão da burguesia recomposta, que, prega o racionalismo acadêmico, percebendo o aluno como um simples receptor de informações expostas pela

escola. A educação nesta concepção, assumiu um posto de neutralidade e os conhecimentos passados são verdadeiros, comprovados e aceitos. O professor ocupa um posto de destaque.

Os seus princípios básicos estão fundamentados na estrutura piramidal, no formalismo e na memorização, no esforço e na competição assim como no respeito à autoridade. A estrutura piramidal tem sua raiz no princípio cartesiano da simplificação que reza que para solucionar um problema, é necessário separá-lo em partes e resolvê-las uma a uma, indo das mais simples às mais complexas. O formalismo e a memorização são uma das bases dessa prática pedagógica. Uma vez que a pedagogia clássica acredita que o aluno deve seguir um modelo, a memorização é o melhor caminho para fazê-lo (MALDANER, 2009, p.11).

A tendência liberal renovada acentua o desenvolvimento das aptidões individuais valorizando a auto-educação: “reconhece dois elementos que se tornam fundamentais na prática e reflexão pedagógica: a importância do trabalho no processo da instrução técnico-profissional e da psicologia infantil” (MALDANER, 2009, p.). Para esse autor o trabalho não se relaciona tanto ao desenvolvimento industrial, mas ao desenvolvimento da criança: não é preparação profissional, mas elemento de moralidade e de modalidade didática. Esta apresenta-se no Brasil em duas vertentes a renovada progressista ou pragmática e a renovada não-direitista.

Renovada progressista ou pragmática busca a autonomia intelectual do aluno para que assim consiga o desenvolvimento de suas habilidades intelectuais e não apenas a aquisição de conhecimento. Ao professor cabe estimular os alunos na construção do saber. Prega a ideia de aprender fazendo, ou seja, valorizar as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta, o estudo do meio natural e social e o método de solução de problemas. Tem como principais autores o norte americano John Dewey (1859-1952), Maria Montessori (1870-1952) na Itália. Ovide Decroly (1871-1932) na Bélgica e na Alemanha Friedrich Fröebel (1782-1852) fundador do Jardim de Infância. Então,

pedagogicamente importa o contato ativo do aluno com uma grande quantidade de materiais que oferece o modo de atingir todos os recursos das ciências. O apelo a um ensino de laboratório, com as implicações de que os indivíduos sejam chamados a tornar-se, por meio da educação, não o que são, mas o que podem vir a ser. A finalidade é educar o indivíduo para participar da mudança, concebida como a progressiva evolução de um estado de coisas em si positivo (MALDANER, 2009, p.13).

A abordagem não-diretiva tem como ponto central a liberdade de consciência e a consciência da liberdade: “a ênfase era dada aos métodos, a forma de transmissão do conhecimento, sempre voltada ao desenvolvimento psíquico do aluno” (MORGADO, 1995, p.11). O professor participa da realidade subjetiva para a objetiva e cabe a ele facilitar a aprendizagem cabendo ao estudante buscar por si mesmo os conhecimentos.

O pressuposto epistemológico que sustenta a pedagogia não-diretivistista é a de que as pessoas são dotadas de um saber inato. Desta forma o professor é um auxiliar do aluno, um facilitador e deve, por isso, interferir o mínimo possível. O aluno possui conhecimentos e/ou habilidades a priori que determinam sua aprendizagem, por isso deve ter independência para direcionar seu itinerário formativo (MALDANER, 2009, p.14).

A tendência liberal tecnicista tem a função de preparar recursos humanos, ou seja, mão de obra para a indústria. A essência desta educação são as técnicas da descoberta de aptidões. Deste modo “o exercício da crítica pessoal, da reflexão e a subjetividade devem ser afastados da prática pedagógica, que deve buscar sempre a máxima eficiência, competência e objetividade” (MALDANER, 2009, p.17). Ela se fundamenta nos pressupostos da neutralidade da ciência, na racionalidade, na eficiência e produtividade. Nesse caso

o papel da escola na visão tecnicista é preparar para o mercado de trabalho e atender as demandas da sociedade industrial e tecnológica. O tecnicismo dá enfoque especial à relação situação-estímulo típica da psicologia comportamentalista pela qual a aprendizagem ocorre mediante recompensas e castigos. Criatividade e imprevisibilidade perdem espaço e importância (MALDANER, 2009, p.17).

Inspirados em Carls Rogers, para o qual o ensino é considerado como atividade excessivamente valorizada, as ideias da tendência liberal tecnicista influenciaram um número expressivo de educadores e professores, principalmente orientadores e psicólogos escolares.

A pedagogia progressista não se institucionalizando numa sociedade capitalista, então é usada como um instrumento de luta dos professores junto a outras práticas sociais. Ela se manifestou em três tendências a libertadora, a libertária, e a crítico-social dos conteúdos. As manifestações libertadoras e

libertárias têm em comum o antiautoritarismo, valorização das experiências e auto gestão pedagógica.

A tendência progressista libertadora questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens. Visa à transformação. O trabalho educativo é realizado em forma de grupo de discussão “fundamenta-se na concepção dialética do ato de ensinar e de aprender. Professor e aluno aprendem juntos, em uma relação dinâmica e dialógica tendo sua prática social orientada pela teoria e a teoria orientada pela prática” (MALDANER, 2009, p.19), tendo grande destaque Paulo Freire.

Com a tendência progressista libertária espera-se que ocorra uma mudança na personalidade dos alunos em um sentido “libertário e autônomo”. Sua prática pedagógica centraliza-se na participação coletiva objetiva a promoção de uma prática e um processo de ensino aprendizagem para a autogestão consciente e solidária. Professor e alunos devem manter um espírito de solidariedade, ajuda mútua e autogestão, pois é isso que permite um ambiente de aprendizagem libertário e antiautoritário. Os métodos utilizados são variados e acima de tudo não-autoritários, (MALDANER, 2009).

Na tendência crítico-social valoriza a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta em que a sociedade é mediadora entre o individual e social. Há uma relação direta com a experiência do aluno, confrontada com o saber trazido de fora, ou seja, a prática vivida pelos alunos com os conteúdos trazidos pelo professor.

Paulo Freire é conhecido por promover uma educação de cunho popular voltada para a educação de jovens e adultos. Com base nisto podemos ver nitidamente traços desta educação em seus trabalhos. Em sua obra “Política e Educação” estabelece como pontos principais o reconhecimento da realidade, a participação e a tomada de poder das pessoas embasadas na política de transformação que visa suprir os anseios humanos de liberdade, justiça e felicidade.

Outro ponto destacado desta mesma obra de Freire (2001) na qual se refere à prática educativa que segundo ele é reconhecida como política, não se limita apenas em passar conteúdos, mas também à conscientização, pois os educadores possibilitam que seus educandos façam uma análise crítica da realidade. Assumem-se assim como sujeitos na busca de conhecimentos. Para isso os educadores devem promover a superação do senso comum a partir da valorização e do respeito

aos conhecimentos adquiridos durante a sua vida que implica numa diferente compreensão da história.

Além de pontuar algumas sugestões de como o educador deve atuar em sala de aula e a necessidade de estar constantemente avaliando a sua prática, enfatizado a importância da escola ser um local acessível à comunidade, onde, os pais possam participar ativamente da educação de seus filhos, ou seja, a escola deve promover um diálogo com a comunidade.

Então, para Freire (2001), o educador progressista compreende a importância da posição de classe, de sexo, de cor na luta de libertação, todavia não pode reduzir a uma ou outra posição por favorecer o poder do dominador. Além do mais, enfraquece o combate. Cabe a ele a defesa da unidade na diversidade. De outro modo, para Almeida (2002b).

o ato educativo encontra sua significação na confrontação à ordem simbólica, que ordena as relações de parentesco e as relações sociais. Sustentar e transmitir às novas gerações a tradição simbólica que funda, de uma só vez, o sujeito e a cultura, tal é a tarefa imposta pela civilização ao adulto na posição de educador, não importa se pais ou mestres. Trata-se aí de uma árdua missão ou de uma transmissão que mobiliza no adulto os impasses de sua própria neurose, reaviva o seu narcisismo, as fantasias de onipotência e a nostalgia do prazer funcional, cujo risco, dentre muitos, é o de aprisionar o outro aos seus ideais, tomando-o pelo objeto que, imaginariamente, preencheria a sua falta-a-ser constitutiva.

Conforme destaca Almeida (2003) a prática pedagógica tem sofrido muitas críticas e provocado inúmeras decepções e ilusões. Isto pode ser reflexo dos discursos educacionais que mudam de acordo com o modismo da época, não obtendo muito sucesso na equalização entre os processos de democratização do ensino e a diversificação socioeconômica do aluno. A mudança do discurso educacional na tentativa de adequar às necessidades da época pode ser um fator positivo desde que saia do campo do discurso e se constitua prática que contribua para melhoria dos processos de democratização do ensino e diversificação socioeconômica do aluno.

2.3 PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

A educação é um processo amplo que não se limita à educação escolar. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB):

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Para poder inscrever uma cultura e se fazer presente na construção da história, a pessoa precisa apropriar-se da cultura de seu tempo e lugar, de sua sociedade. Função indispensável da educação básica de qualquer cidadão. A Educação pode ser definida com a prática que possibilita o processo de construção do homem e dos seus conhecimentos, ou seja, conjunto de processos formativos que ocorrem no meio social, construída e constituinte destas relações. O foco deste trabalho é a educação intencional, sistematizada, que é oferecida pelas instituições escolares. Que pode,

utilizar o saber oriundo da teoria e da experiência psicanalíticas para construir algumas observações e hipóteses em torno de algumas questões fundamentais do campo educativo, visando produzir novos conhecimentos sobre este campo, especialmente sobre as posições subjetivas do aluno e do professor frente ao objeto de conhecimento e sua mediação (ALMEIDA, 2002b).

A psicanálise poderá dar algumas contribuições para a educação a partir de sua teoria e experiência especialmente sobre as posições do subjetivo do aluno e do professor. Quando o professor não responde ao aluno do lugar daquele que tudo sabe, mas sim daquele que conhece e que toma esse conhecimento não como uma verdade, mas como uma convicção culturalmente aceita e socialmente compartilhada, o professor ocupa o lugar de mediador do objeto de conhecimento, o qual marca a entrada de um terceiro na relação professor-aluno. Somente ocupando este lugar é que o professor tem chances de reverter as questões imaginárias e narcísicas que se mesclam no campo educativo (ALMEIDA, 2002a).

Educar para a realidade é educar para a castração, na impossibilidade da completude e nas possibilidades da incompletude, nos recursos do simbólico e do imaginário para tocar o real, para a brevidade do prazer e para a presença da incerteza, para o mal-estar na cultura. Educar para que o humano se indague pelo desejo que anima seus atos, responsabilizando-se por eles, numa educação comprometida com a mudança e a ética (SPELLER, 2004, p.86).

A psicanálise pressupõe que os seres humanos são seres faltantes, daí a impossibilidade de se tornarem completos. Speller (2004) esclarece que, para a compreensão das implicações dos processos inconscientes na prática pedagógica é preciso compreender alguns processos psicanalíticos como: desejo, sexualidade, pulsão, complexo de Édipo, complexo de castração, transferência e sedução pedagógica.

Apresentaremos em linhas gerais estes processos psicanalíticos citados por essa e outros autores, considerados significativos para este trabalho. É preciso explicar antes de tudo, o termo inconsciente, objeto de estudo da psicanálise (KUPFER, 2001), que segundo Speller (2004) não é um lugar ou uma coisa.

Inconsciente

Na linguagem corrente o inconsciente é utilizado para designar o conjunto dos processos mentais que não são conscientemente pensados. Pode também ser empregado como substantivo, com uma conotação pejorativa, para falar de um indivíduo irresponsável ou louco incapaz de prestar contas sobre seus atos. (ROUDINESCO; PLON, 1998.). A respeito disso é colocado por Kupfer (1989) que a ideia de inconsciente não é uma invenção freudiana, mas sim a formulação de um sistema inconsciente. Visto que na teoria psicanalítica de Freud, o inconsciente tem a particularidade de ser ao mesmo tempo interno ao sujeito (e a sua consciência) e externo a qualquer forma de dominação pelo pensamento consciente (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Com Freud e suas investigações, o conceito ganha o sentido daquilo que escapa e falha aos humanos, seres da linguagem, rompendo de maneira incompreensível e surpreendente, o curso lógico do pensamento e dos comportamentos cotidianos. São os lapsos, os atos falhos, os sonhos, os

esquecimentos e de modo mais geral, os sintomas repetitivos cuja significação, cheia de paradoxos, só se descobre na clínica (SPELLER, 2004).

Representação psíquica inconsciente são representações regidas por leis distintas das representações conscientes. A manifestação ocorre pelos lapsos, atos falhos e sonhos substituem um ato não realizado.

Sexualidade

A descoberta da sexualidade do ponto de vista da psicanálise origina-se na infância onde o domínio não está direcionado ao campo do natural ou orgânico, mas sim no psíquico. Para Speller (2004, p.22)

No final do século XX havia consenso no mundo científico de que sexualidade era um instinto genital com finalidade de reprodução. Assim era compreendida a atitude sexual consciente, considerada normal, sendo desvio, aberração psicosssexual, anormalidade, depravação moral todo comportamento sexual que escapasse desse referencial, como, por exemplo, a masturbação, as perversões do adulto, a mera busca do prazer sexual ou a impotência. As concepções de Freud sobre sexualidade revolucionaram essas ideias. Para ele, a sexualidade está presente desde a infância e sob a influência do inconsciente. A sexualidade é compreendida não só no sentido usual, mas também como um conjunto de atividades, representações e sintomas não associados com o que concebemos tradicionalmente.

Embora exista este entendimento sobre a sexualidade, pode ser definida como a sensação de prazer gerada por algum estímulo mental. Do ponto de vista da psicanálise, não se reduz ao contato dos órgãos genitais de dois indivíduos nem a estimulação de sensações genitais. “Sexual “ é toda conduta partindo de uma região erógena e apoiando-se numa fantasia, proporcionando certo tipo de prazer (NASIO,1999). A conclusão que se pode chegar segundo a afirmação de Speller (2004, p. 21) é que: “todo o nosso corpo é sexualizado, qualquer parte dele pode ter um alto valor erótico”.

Millot (2001) acredita que o educador tem o poder de evitar doenças neuróticas causadas pela atitude moral diante da sexualidade. Para ela a descoberta da sexualidade infantil possui uma significação que, por um lado, trata-se da descoberta de uma atividade sexual espontânea na criança; por outro, o

descobrimto da sua existência na formação da neurose e no desenvolvimento do indivíduo. Enquanto a sexualidade genital corresponde a uma função biológica, as pulsões não genitais, parciais, se caracterizam não apenas por sua independência com respeito às funções biológicas, mas também por sua capacidade de obstruir essas funções.

Desejo

O desejo é expresso pela pulsão sexual que reside em uma realidade psíquica. “Freud, em 1908” afirma o educador é aquele que deve buscar para o seu educando, o justo equilíbrio entre o prazer individual – vale dizer, o prazer inerente a ação das pulsões sexuais – e as necessidades sociais – vale dizer a repressão e a sublimação dessas pulsões” (KUPFER, 1989, p.45). Uma vez que somos movidos por desejos o educador canaliza esta energia pulsional para a busca do conhecimento. Pois “Se por um lado, graças a educação, a criança deve atingir o controle da pulsões, por outro lado, a própria Psicanálise nos ensina ser esta repressão de manifestações neurótica” (LOPES, 1998, p.).

Então o “desejo se constitui na verdade fundamental da psicanálise, uma verdade que é um enigma a ser decifrado e, justamente por isso, a psicanálise constitui-se como teoria e prática do deciframento” (GARCIA-ROZA, 1998 apud ALMEIDA, 2003).

Memória

A memória humana envolve um complexo mecanismo mental que nos permitem adquirir, reter e recuperar informações. Segundo Schwolke (2005) pode ser visualizada de dois pontos distintos: aquela de que se fala habilmente, que pode ter sido adquirida quando de certa experiência que permaneceram conscientes e que vai gastar com o tempo, e aquela que constitui a memória freudiana, na qual, aquilo que se reencontra não sofreu o prejuízo do tempo passado, continuou tão vivo e atual quanto no momento de sua primeira inscrição. O que está ali escrito permanece é inacessível à consciência, aparece como que um esquecimento, na vida da pessoa, mas não param de voltar nas formações do inconsciente, o sonho, as lembranças, os sintomas, os comportamentos recorrentes da pessoa. Essa

memória se inscreve, portanto, sob a formação de vestígios, e o que lhe dá coerência e articulação é linguagem.

Tanis (1995. p.63) ressalta bem esta ideia quando exprime em seu livro “a memória guarda a capacidade de resgatar o tempo da história. Não como tempo passado, mas como tempo inscrito nas entranhas do atual”. Isso quer dizer o seguinte no momento percebido pelo professor atual da reproduz ou da releitura feita da prática do professor do passado, faz com que algo antes tido como passado se torne atual, ou seja, não sofra as influências do tempo.

Sublimação

Sublimação representa o local destinado às pulsões que agem desviando certos impulsos inconscientes de seus objetivos primitivos para fins socialmente úteis. Freud, (1996) em Cinco Lições de Psicanálise (1910[1909]) chamou de sublimação a solução “pela qual a energia dos desejos infantis não se anula, mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quiçá não mais na ordem sexual”. Esta é mais perceptível nas artes e nas relações culturais.

Transferência

Transferência para a teoria psicanalítica são repetições inconscientes, em lugar de renomear o passado o repete como uma experiência vivida, no presente do tratamento analítico, ignorando que se trata de uma repetição. Segundo Freud (1905, apud SPELLER, 2004 p. 36), “as transferências são reedições das pulsões, de fantasias, de uma série de eventos psíquicos anteriores que ganharam vida novamente, não como passado, mas como presente, encarnando-se numa pessoa”.

Num primeiro momento a transferência pode se compreendida como deslocamento, que no tratamento analítico acontece do paciente para o médico, em que há uma tendência geral do aparelho psíquico a repetição. Particularizando-se através do ato (TANIS, 1995).

A transferência perpassa todas as relações humanas, pois ao que nos informa Tanis (1995, p.112) “é o modo particular pelo qual a subjetividade humana

expressa sua constituição”. Isso se deve ao fato de sermos seres sociais e nossa constituição dar-se sobre o olhar do outro. Então há um processo de transferir na transferência.

Na educação esse processo é mais evidente devido à importância que o profissional da área assume perante sua classe, ou seja, esse profissional dotado de um poder. Segundo relatos feitos por Freud as crianças veem nos professores a continuação da identificação primária exercida pelos pais, de forma a transferirem o laço emocional dirigido aos progenitores para os mestres. Estes também são regidos por determinações inconscientes que transferem aos seus alunos. “Assim, questões edípicas estão presentes nas relações transferenciais das crianças com os professores e vice-versa, pois nós adultos, também vivenciamos os complexos de Édipo e castração” (SPELLER, 2004, p.37). Conclui-se que a transferência independe de níveis escolares, pois sua determinação acontece por mecanismos psicológicos.

Sedução pedagógica

Freud (apud MORGADO, 1995) estabelece inicialmente uma teoria da sedução infantil. Na qual atribui a sedução sexual imputada na criança por um adulto como causadora da neurose histérica. Ao constatar que esta cena de sedução não havia efetivamente ocorrido, e se tratava de fantasias de sedução, abandona a ideia inicial e retoma de outra forma onde as lembranças da cena primária de sedução passam a ser entendidas como fruto da articulação de fragmentos da fantasia à realidade.

De acordo com Morgado (1995) a origem da sedução remonta à dependência da criança aos genitores nos primeiros anos de vida, dependência dos suprimentos de necessidades biológicas e sociais. Com seus cuidados o genitor seduz para atingir seus objetivos disciplinadores e efetivos. Entretanto a criança pode deixar-se seduzir para também seduzir e conquistar os cuidados e afetos dos pais. Morgado (1995) sustenta que na relação professor-aluno a sedução do professor e o desejo do aluno de ser seduzido remontam às primeiras seduções de suas vidas de forma descontextualizada da relação original, já que na relação pedagógica, a sedução pode auxiliar ou obstaculizar o processo educativo do aluno. O obstáculo se instaura

quando o professor assume contrasferencialmente o lugar de autoridade primordial, assim não assume o lugar de mediador, o aluno fica vinculado a ele e não ao saber.

Conforme Morgado (1995, p.22),

na sala de aula a sedução provavelmente se constitua porque o aluno depende efetivamente do professor, seja no nível de suas necessidades conscientes –como aprovação, reconhecimento social-, seja no nível de suas necessidades inconscientes- como, por exemplo, reconhecimento afetivo; lembremos que pelas mesmas razões sociais e afetivas, o professor também depende do aluno. Estabelecem-se, deste modo, as condições para a sedução recíproca.

A compreensão do processo de sedução pode contribuir para que ela deixe de dificultar a ação pedagógica, de maneira a desvelar seus mecanismos neutralize sua natureza manipulatória. De forma que o seu encantamento pelo professor possa transformar-se em uma maior assimilação do conteúdo.

Conforme Maciel (2005), Freud dá três contribuições à educação, primeira a transmissão de conhecimento através dos Inconscientes, sendo o inconsciente o conceito fundamental da psicanálise. A segunda diz respeito à importância da relação professor-aluno, o que nos leva a pensar na questão da transferência que perpassa todas as relações humanas. Na psicanálise a transferência constitui seu próprio instrumento de trabalho. A terceira aponta para o papel da educação como auxiliar da sublimação sexual, pois seus argumentos afirmam que a curiosidade intelectual é derivada da curiosidade sexual. Quanto a essa última referência, devemos compreender o desvio pulsional necessário não deve ser excessivo e chegar a inibir o sujeito do desejo.

Brucher e Almeida (1991) argumentam que a psicanálise fala de um sujeito dividido, ao contrário da psicologia coloca o sujeito da consciência, unitário, consciente e sob o domínio da razão, em que de um lado há o sujeito do significado e do outro que não se significa com o enunciado, ou seja, o sujeito do inconsciente, sujeito do significante.

2.4 MEMÓRIA EDUCATIVA

Imaginemos que um explorador chega a uma região pouco conhecida onde seu interesse é despertado por uma extensa área de ruínas, com restos de paredes, fragmentos de colunas e lápides com inscrições meio apagadas e ilegíveis. Pode contentar-se em inspecionar o que está visível, em interrogar os habitantes que moram nas imediações - talvez uma população semibárbara - sobre o que a tradição lhes diz a respeito da história e do significado desses resíduos arqueológicos, e em anotar o que eles lhe comunicarem - e então seguir viagem. Mas pode agir de modo diferente. Pode ter levado consigo picaretas, pás e enxadas, e colocar os habitantes para trabalhar com esses instrumentos. Junto com eles, pode partir para as ruínas, remover o lixo e, começando dos resíduos visíveis, descobrir o que está enterrado. Se seu trabalho for coroado de êxito, as descobertas se explicarão por si mesmas: as paredes tombadas são parte das muralhas de um palácio ou de um depósito de tesouro; os fragmentos de colunas podem reconstruir um templo; as numerosas inscrições, que, por um lance de sorte, talvez sejam bilíngües revelam um alfabeto e uma linguagem que, uma vez decifradas e traduzidas, fornecem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado em cuja homenagem os monumentos foram erigidos. Saxaloquuntur! (as pedras falam!) (FREUD, 1996, p. 217).

Falar da memória educativa é penetrar em um lugar desconhecido na busca de uma história significativa não aparentemente visível. A fim de chegar a essas lembranças escondidas na qual em sua obra Tanis (1995) apresenta como Lembranças encobridoras, ou seja, lembranças fabricadas por encomenda para esconder como álibis outras lembranças. Requer certos cuidados, pois “a memória não é apenas uma escrita do sujeito” (KUPFER, 2001), carrega a visão da pessoa que a escreve.

A memória educativa se destaca no contexto de mudanças paradigmáticas nas áreas humanas e sociais. Nas últimas décadas ocorreu publicação de estudos envolvendo professores atuantes e/ou em formação como sujeito e possuidor de uma história escolar iniciada a partir dos primeiros anos de sua inserção no campo da educação institucional e sistemática (ALMEIDA, 2003). Segundo Nóvoa (1992 apud ALMEIDA, 2003) a publicação do livro Ada Abraham cujo título “O professor é uma pessoa” (1984) marcou um novo olhar sobre a vida dos professores recolocando os professores no centro dos debates educativos e a problemática da investigação.

Outra grande contribuição referente ao campo da Memória Educativa, Segundo Mota, Bomfim e Néto (2009), foram os estudos realizados por Almeida e Rodrigues (1997), com o objetivo de re-significar o processo de formação dos professores, criaram um Módulo de Estudos a fim de fazer a articulação da trajetória de vida escolar dos educadores com sua experiência e prática docente. Estes estudos contribuíram para enriquecer a discussão sobre a ligação existente entre a experiência escolar e a prática pedagógica, pois de acordo com suas palavras

Os estudos sobre a Memória Educativa têm, originalmente, a relevante contribuição do trabalho desenvolvido por Almeida e Rodrigues (1998), por meio do módulo - Imersão no Processo Educativo das Ciências e da Matemática, integrante do Programa de Aperfeiçoamento de Professores de Ensino Médio (pró-Ciências) (ALMEIDA; RODRIGUES, 1997 apud MOTA; BOMFIM; NÉTO, 2009).

Estudos nos quais se utilizam da memória educativa permitem, conforme esclarece Mota, Bomfim e Néto (2009), um levantamento das experiências mais significativas da trajetória de vida escolar. Possibilita ao professor esclarecer sua postura profissional e pessoal, bem como considerar a relevância de aspectos subjetivos no seu exercício profissional. Conforme afirma Almeida (2003) memória educativa é a mínima enunciação do professor, uma verdade histórica de produção que relaciona o vivido possibilitando assim um presente que não está preso ao passado construindo a sua identidade de educador.

Em psicanálise a identificação designa o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou apropriando, em momentos-chaves de sua evolução, aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam (ROUDINESCO; PLON, 1998). A identidade não é algo que surge ao acaso, é construída socialmente pelas relações estabelecidas, assim também é formada durante a trajetória escolar visto que o ambiente escolar é o local, depois do familiar, onde as crianças passam a maior parte do tempo e estabelecem relações com uma realidade social diferente da desempenhada com o seu grupo familiar. Neste ambiente são permitidas relações com pessoas estabelecendo um tipo de ligação que proporcionará identificação, a ponto de muitas crianças vislumbrar seguir a carreira de educadores. Uma vez que a identificação acontece nas relações sociais, ela não é algo presente apenas na escola, pode acontecer também com pessoas

que convivemos em casa e na rua, para referir a tudo que esteja fora de nosso nicho familiar.

Nóvoa (1992 apud ALMEIDA, 2003) tem uma opinião muito pertinente a esse assunto, pois afirma que a identidade é um lugar de lutas e conflitos o modo de ser está na profissão, que a maneira de ensinar de cada um está diretamente dependente daquilo que é individualmente quando exerce o ensino. A memória educativa engloba a história de vida do sujeito com os desafios que são enfrentados e a complexa relação estabelecida entre objetividade e subjetividade.

Antes de continuar a discussão sobre memória educativa é interessante esclarecer a origem do termo memória. Memória tem sua origem etimológica no latim, significa a faculdade de reter e /ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente reportando-se às lembranças, reminiscências (CARDOSO, 2000).

A memória segundo, Hockenbury e Hockenbury, (2002), refere-se a processos mentais que nos permitem adquirir, reter e recuperar informações. Compreendendo três processos fundamentais, codificação, armazenamento e recuperação. Codificação é a introdução da informação na memória, armazenamento possibilita a utilização posterior e a recuperação é o resgate consciente dessa informação.

No entanto, para Freud (1996) a memória é um dispositivo que se aproxima da condição de análise, algo do inconsciente para além do enunciado. Trabalha nas instâncias do inconsciente de tradução de estímulos. É determinante da estrutura humana. É atemporal, ou seja, transitória. Como afirma Maldaner (2009, p.5) “A memória é o núcleo central da concepção freudiana é reconhecida como enunciação mínima do sujeito inconsciente e a possibilidade da expressão de conteúdos inconscientes no cenário escolar”.

O processo de evocar os eventos que fizeram parte da memória educativa constitui um trabalho minucioso, isso significa que seu resgate requer um esforço e tempo podendo ser prazeroso, dependendo das lembranças trazidas. Pois se houver

a existência de um registro minêmico da experiência traumática que continuaria agindo de outro estado de consciência. Esse registro possui características patógenas principalmente porque o quantum afeto envolvido na situação originária não pode ser ab-reagido. Essa impossibilidade original de descarga seria a responsável pela atualidade e indestrutibilidade dessa lembrança (TANIS, 1995, p.51.)

Também se constitui um processo de criação que em determinado momento pode trazer sentimentos que se contradizem. Devido ao fato de torna possível pensar sobre sua memória (metamemória), pode parecer algo ruim e difícil de início, ocasionando certa resistência, mas depois esta resistência dá lugar a um desejo de colocar no papel todas as suas experiências e vivências, o que pode não ser possível, ou seja, como afirma Almeida (2003, p.5), “utilizar a memória educativa para escavar, remover o lixo encobridor da história individual do sujeito permitindo que, ao falar de seu passado, possa atribuir significação ou re-significação de vivências na experiência atual”. Ao final a sensação antes ruim acaba se transformando em algo bom, verbalizar algo que há muito tempo permaneceu guardado ocasionando muita dor e angústia ao sujeito.

Analogicamente a memória educativa seria a chave que permitirá abrir a porta para a compreensão do porquê que alguns educadores em momentos específicos agem de formas determinadas e esse agir tem alusão as suas experiências escolares, experiências de vida e a sua ideologia. Portanto ocorre que

a psicanálise pode transmitir ao educador (e não a pedagogia) uma ética, um modelo de ver e de entender sua prática educativa. É um saber que pode gerar, dependendo, naturalmente, das possibilidades subjetivas de cada educador, uma posição, uma filosofia de trabalho (KUPFER, 2003 p.97).

A escola por ser um lugar no qual os estudantes passam grande parte da vida, isso depende muito do tempo de escolaridade de cada um, e para muitas crianças sua primeira tentativa de socialização pode marcar de forma significativamente, positiva ou negativa, tanto crianças com adultos.

Por isso talvez, Freud lembra que

é difícil dizer o que exerceu mais influencia sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação consistia uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passaram apenas através de nossos professores. Alguns detiveram-se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos – porque não admitir outros tantos? – ela foi por causa disso definitivamente bloqueada (1996, p.286).

Em alguns casos a identificação é tão marcante levando varias crianças a vislumbrar a carreira de professor como uma das possíveis profissões a seguir. Freud coloca que a identificação é ambivalente desde o início, pois pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade como um desejo do afastamento de alguém.

A relação triangular professor/aluno/objeto de conhecimento acontece no interior de um campo transferencial inconsciente, que se instaura tendo como base a relação emocional primitiva da criança com os pais. É por efeito da transferência que o aluno se identifica ao professor, fator fundamental para que haja aprendizagem. Entretanto, a paixão transferencial pelo professor deve ceder lugar, em um segundo momento, à paixão pelo conhecimento. Os entraves dessa passagem, no entanto, existem, pois o aluno pode ficar aprisionado pelo viés transferencial, privilegiando sua paixão ambivalente pelo professor e relegando a um segundo plano o interesse pelo conhecimento. Assim, a forma pela qual o professor responderá a esse laço transferencial será de extrema importância para que o aluno consiga realizar essa passagem e liberar seus investimentos libidinais para o trabalho de aprender. (ALMEIDA, 2002a)

Essa identificação encaixa-se no terceiro tipo de identificação distinguido por Freud que é a identificação que se efetiva na ausência de qualquer investimento sexual. Trata-se então do produto da capacidade ou da vontade de colocar-se numa situação idêntica a do outro ou dos outros, comandada pelo vínculo estabelecido entre cada indivíduo da coletividade e o condutor (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Para Nóvoa (1992, apud ALMEIDA; PRAZERES, 1997)

a identidade não é um dado adquirido ou um produto, mas um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Ou seja, amaneira com cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos com indivíduos quando exercemos o ensino.

A maneira como cada professor prepara sua aula e faz as suas intervenções tem a ver com as atitudes dos professores pelos quais passaram durante a sua vida escolar e foram significativo tanto positivo como negativamente. No relacionamento professor-aluno é passível de reconhecimento tanto de processos identificatórios expressos por gestos de ternura, proximidade quanto o contrário, desejo de afastamento. Nesses casos a identificação é parcial e limitada, toma apenas um traço isolado.

CAPITULO III

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos baseiam-se na epistemologia qualitativa já que este estudo envolve relações complexas e ações subjetivas de construção. Além de estar unido ao fato de “a concepção do objeto de estudo qualitativo sempre é visto na sua historicidade, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento do indivíduo no contexto dentro do qual o indivíduo se formou” (GÜNTHER, 2006). Na forma de um estudo de caso, por evidenciar dentre suas características a mais comum se deve ao focalizar uma unidade: indivíduo, não descartando a ocorrência de casos múltiplos nos quais vários estudos são conduzidos simultaneamente. (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

Para esta investigação foram utilizados como instrumentos de produção de dados a memória educativa, observação e entrevista semiestruturada de uma professora que está atuando com a turma do 2º (segundo) ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública do Distrito Federal. Pois, como afirma Almeida (2002a) “o olhar sobre a vida do professor e ele enquanto pessoa passou a ser um imperativo, ou seja, da ordem do impossível separar o eu profissional do eu pessoal”.

A análise crítica da memória educativa possibilita verificar o que ficou guardado no inconsciente de fatos e de personagens, como os professores, que foram significativos durante a vida escolar e as possíveis reflexões na profissão. Partindo do princípio de que a junção de tais fatos e professores faz parte da construção e reconstrução de sua identidade. Essa vivência, enquanto aluno, constitui a memória educativa decorrente de uma história da trajetória escolar. Kenski (1998, apud MOTA; BOMFIM; NÉTO, 2009) “ressalta a importância das pesquisas que lançam mão da Memória como meio para estudar a influência de vivências anteriores dos professores em suas formas de ensinar”. Para isso foi realizado uma leitura e compreensão psicanalítica da memória educativa da professora elaborada pela mesma tomando o inconsciente e a subjetividade no resgate da identidade nesse cenário.

A observação em campo também foi utilizada, pois ela requer instrumentos de trabalho que auxiliem na busca de maiores informações sobre a escola participante

da pesquisa e os sujeitos que nela trabalham ou estudam. Para isso, o presente estudo enfatiza os dados referentes à escola escolhida para observação, às características da turma observada e o profissional de ensino que atua como personagem central de toda a temática educacional.

Por fim com a entrevista gravada e depois transcrita, pois além de manter o anonimato da voluntária conseguimos captar as informações passadas através da fala durante a entrevista. Isso foi possível, porque a entrevista foi realizada em um ambiente tranquilo.

CAPITULO IV

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Reitero como procedimento de pesquisa, ter utilizado principalmente, a observação e a análise da memória educativa, uma narrativa produzida pelo próprio sujeito participante da pesquisa. Optei por utilizar apenas um sujeito de pesquisa devido à complexidade do assunto e ser compatível com as minhas possibilidades no momento. Além do mais se trata de um trabalho de conclusão de curso, reservando maior aprofundamento para estudos futuros.

4.1 RELATO DAS OBSERVAÇÕES

As observações aconteceram com uma turma do 2º ano do ensino fundamental e fizeram parte das atividades desenvolvida pelo projeto 4 (Estágio Supervisionado), conforme já citado, realizado com professores e alunos. Até chegarmos a atuar tivemos um período de articulação com os professores e direção sempre na companhia da professora que ofereceu e coordenou o projeto.

A instituição é composta de vários espaços destinados a aprendizagem e a representação do social para os alunos. Contém uma sala de leitura, brinquedoteca, sala da direção, sala dos professores. Esta escola de modo geral, possui salas bem amplas e bastante ventiladas, carteiras e cadeiras em bom estado, área para atividades físicas e equipamentos, móvel, de vídeo. É um ambiente bem organizado que tem a colaboração de alguns parceiros da comunidade local para seu funcionamento. Compreende então, que nesta instituição escolar, em especial, a equipe gestora considera importante tornar a escola um local acessível à comunidade, onde, os pais possam participar ativamente da educação de seus filhos, de forma a promover um diálogo com a comunidade.

O corpo docente é composto por profissionais graduados, que possuem um bom relacionamento entre os colegas de trabalho e, teoricamente, com os alunos. O que se percebe, na turma observada, é que existe uma proximidade entre professor-aluno, contribuindo, assim, para fortalecer laços de amizade de forma que o trabalho realizado flui da melhor maneira possível.

Os alunos são um tanto agitados. A professora durante o período das minhas observações pareceu ser muito querida pelos alunos, o que faz inferir que possui um bom relacionamento com todos. É bastante controladora, preocupada com a disciplina. Essa preocupação com o bom comportamento pode ser reflexos dos tempos de estudante em uma escola bastante rígida, pois como afirma “... *na verdade, no CEMA tínhamos muitas regras de convivência e a disciplina era impecável. A sensação que tive quando sai de lá é que éramos vigiadas o tempo todo*”. (depoimento da professora “P”)

Apesar de ser uma turma bastante agitada consegue mantê-la sobre controle, mas não no sentido de todos ficarem estáticos, pelo contrário, ela instiga a participação nas atividades, todavia quando percebe muita conversa paralela em hora imprópria, chama a atenção.

Percebi que há influência, ou melhor, que existe uma aplicação do seu aprendizado no curso de pedagogia. Tal afirmação se baseia, porque neste dia a matéria estudada era matemática e para isso se utilizou do “material dourado”, um dos recursos usados para operações matemáticas, que facilita na localização e no entendimento de casas decimais, pelo fato de tornar possível a manipulação com algo concreto, pois segundo a tendência renovada progressista, o que importa pedagogicamente é o contato ativo do aluno com uma grande quantidade de materiais que oferece o modo de atingir todos os recursos das ciências. Este foi um dos materiais criados por Maria Montessori, uma das principais educadoras da tendência renovada progressista.

O recreio é hora de extravasar as energias e exercitar. Sendo a sua duração de trinta minutos. Durante este período são disponibilizados vários brinquedos. A grande maioria das crianças procura algum brinquedo ou realizam algum tipo de brincadeira e se, mesmo assim, com toda a variedade de atividades para recreação, houver alguma criança que não queira participar de nenhuma das atividades disponíveis, pode tirar esse momento para tomar água, ir ao banheiro, ou simplesmente conversar com seus colegas. Toda esta agitação acontece no pátio da escola, uma área arejada e semi-coberta com o olhar atento de alguns funcionários.

Acontece que, para a turma do segundo ano, em especial, além de utilizar o pátio da escola é reservado outro espaço porque a professora leva seus alunos uma vez por semana para brincarem no parque que fica em frente à escola. Brincam na quadra, no balanço... Sempre sobre sua supervisão. Pode-se verificar que a

professora buscou levar para a turma algo de diferente na hora do recreio, como questões do espaço de lazer e atividades diversificadas de forma a tornar tão inesquecível para seus alunos quanto foi para ela: *“...Quando fui para a primeira série tive a sensação de ganhar os espaços da escola. Nessa época uma lembrança muito forte foi a hora do recreio, nele podíamos trocar figurinhas. Eu sempre fui louca com figurinhas, adesivos, papéis de carta, borrachas com cheirinho e outros cacarecos femininos. Os álbuns mais importantes da época eram: Amar é..., Snoopy e Walt Disney. Eu colecionava todos. Ainda os tenho completos na casa da mamãe. Era uma farrá o recreio.”* Afirma a professora e continua,

... Os recreios passávamos fazendo piquenique embaixo da árvore que plantamos no prézinho. Nós a chamávamos de nossa árvore. Nessa época achei que ela havia crescido muito e minha professora havia se enganado. Anos mais tarde descobri que ela estava certa. (Depoimento da professora “P”)

No caso das lembranças trazidas a partir da escrita da memória educativa que consta no depoimento da professora “P”. Não se trata de uma memória adquirida pela experiência e com o tempo vai se desgastando, constitui conforme a teoria freudiana, a memória, na qual, aquilo que se reencontra não sofreu o prejuízo do tempo passado, continuou tão vivo e atual quanto no momento de sua primeira inscrição.

Vale a pena ressaltar o cuidado da professora tem. Ao iniciar qualquer atividade explica para eles, de forma compreensível, como será feito. Tem o hábito escrever os nomes dos alunos no quadro que estejam conversando ou não faz os deveres pedidos em sala. Para esses alunos, nas condições descritas anteriormente, há o risco de ficar sem recreio. Coloco desta forma, pois em nenhum dos dias de minha observação criança alguma ficou sem recreio.

Outra coisa a ser destacada, próximo ao término da aula, a professora não coloca muito dever para eles e quando percebe que não vão ter tempo de responder em sala sugere que copiem e respondam em casa.

... Amava fazer as atividades de didática, passava horas elaborando atividades, cadernos e planejamentos. Tive a certeza que estava aprendendo minha profissão quando conheci a professora de literatura, ela nos encantava porque fazia a língua portuguesa parecer fácil e mágica através dos livros... (depoimento da professora “P”)

Segundo Nóvoa (1992, apud ALMEIDA E PRAZERES, 1997) “a maneira com cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos com indivíduos quando exercemos o ensino”. A maneira como cada professor prepara sua aula e faz as suas intervenções tem a ver com as atitudes dos professores pelos quais passaram durante a sua vida escolar.

... Sou encantada com minha profissão e procuro sempre levar para a escola esses ambientes tão agradáveis que vivi durante minha formação escolar. (depoimento da professora “P”)

Speller (2004) esclarece, que “o prazer, tanto de ensinar como de aprender, é consequência do autorizar-se pensar, do permitir-se perguntar, ser curioso, deixar espaço para a imaginação”.

O interessante foi perceber que mesmo tendo uma educação básica voltada para as questões religiosas, pois como ela mesma afirma ter estudado em um colégio de freiras, tem a visão de que ser professora não se trata de ser uma pessoa de coração cheio de carinho e bondade, e sim uma questão de escolha de profissão. Ela procura ser profissional. Percebe-se uma visão de educador bem diferente da

identificação do magistério com a maternidade e como missão tem perpassado a história da educação. A marca religiosa na educação cunhou jargões do tipo ‘sem educação não há salvação’, que no Brasil acabou convocando os professores (as) a uma missão que não era a sua. (MALDANER, 2009, p.7).

... Assim como você escolhe ser químico, físico, matemático, você escolhe ser professor. Então as pessoas falam que quem tem a profissão de professor é como se fosse um escolhido, ou se fosse uma pessoa que sempre tem que ter um bom coração, porque estava traçado no caminho pela bondade. O que é uma mentira, porque se não nos teríamos.... A gente sabe que é uma profissão e que as pessoas escolhem... (depoimento da professora “P”)

Mesmo acreditando que é uma questão de escolha sabemos que nossas preferências são dirigidas por fatores internos e externos a nós. Não acontece por acaso, e sim pela identificação, produto da capacidade ou da vontade de colocar-se numa situação idêntica a do outro comandada pelo vínculo estabelecido, no caso da profissão, dentre as profissões conhecidas a que se identificou mais será aquela com maior probabilidade de ser escolhida.

CAPITULO V

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões finais inscrevem-se na ordem da incompletude que caracteriza a condição humana, em especial, quando trabalhamos com os saberes freudianos. Aprendemos que não estamos nunca de posse da verdade final, ou seja, nossas conclusões são sempre provisórias e, embora reconhecidas, não serão jamais definitivas.

Importante dizer que este trabalho construído a partir da elaboração de meu memorial, também buscou compreender o “Lugar da Memória Educativa na Prática Pedagógica”, através de uma pesquisa empírica, de abordagem qualitativa utilizando a estratégia do estudo de caso com uma professora atuante na segunda série do Ensino Fundamental da rede pública de Brasília (DF).

Pensando em minha própria trajetória como estudante, das dificuldades enfrentadas e a superação na conquista de um lugar nesta universidade, compreendo também como a professora, através das minhas observações em sua sala de aula, de participação nas atividades desenvolvidas com as crianças (através do Projeto 4) e da entrevista, manifesta marcas inscritas em sua história de vida escolar e que acabam articulando-se com o que aprendemos nos cursos de formação.

De tudo o que pude viver e conviver com essa educadora, nos espaços de sua escola, seus alunos e colegas foi possível pensar no lugar especial que a memória educativa ocupa na atuação docente. Ela diz: “eu acho que a escola tem que ser animada, a criança tem que gostar de ir para a escola. Eu gostava de ir para a escola, me arrumava que era um brinco...me lembro do quanto eu gostava de ir para a escola, do quanto era divertido está ali...” (depoimento da professora “P”)

Enfim, retomando Nóvoa (1992, apud ALMEIDA E PRAZERES, 1997),

a identidade não é um dado adquirido ou um produto, mas um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Ou seja, a maneira com cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos com indivíduos quando exercemos o ensino.

A maneira como cada professor prepara sua aula e faz as suas intervenções tem a ver com as atitudes dos professores pelos quais passaram durante a sua vida escolar e foram significativo tanto positivo como negativamente.

TERCEIRA PARTE

CAPITULO IV

6 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A minha vida é permeada por momentos de muito medo do novo, como: mudar de escola, reprovação escolares ou familiares, e diversas outras coisas que ao iniciar causaram-me e ainda causam frio no estômago. Já que eu não gosto de lidar com o incerto do meu processo educativo escolar, antes de conseguir algo desejado acreditava que por estar tão distante, poderia ser difícil.

Pensava em começar meu curso de graduação, formar, pegar o diploma e iniciar a minha carreira trabalhando na área de formação, e assim estaria satisfeita. Só que assim como eu sonhava em ser uma grande advogada e tive que abandonar este sonho, pelo menos por enquanto, para buscar outro que fosse mais acessível. Agora que estou prestes a concluir minha graduação, diversas ideias passaram pela minha cabeça entre elas o desejo de fazer outro curso de graduação em Direito, Psicologia e uma especialização em psicanálise. Pensei também em seguir na carreira acadêmica fazendo um mestrado, e doutorado. Mas como a realidade que eu vivo me indica a buscar o que é mais palpável, decidi que a coisa mais indicada no momento é concentrar na conquista de um emprego, seja ele na iniciativa privada ou pública, para só depois continuar com minha carreira acadêmica. Lembrando que não é por que estarei exercendo, a profissão docente, que deixarei de buscar adquirir novos conhecimentos.

Acredito fazer parte de uma grande maioria dos estudantes que, concluindo a graduação, querem, depois de anos de estudo e dedicação, seu esforço reconhecido, seguir uma carreira profissional atuando na área. Então as perspectivas são as melhores possíveis. Conforme já assinalei penso em seguir na carreira acadêmica, mestrado, doutorado, só que, além de tudo preciso de estabilidade econômica. O serviço público seria uma ótima escolha, para isso vou investir em concurso é só assim conseguirei a tão sonhada independência financeira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. O ser infante e o ser professor na memória educativa escolar. In: COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE, USP, 4., 2002a, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400011&lng=pt&nrm=van>. Acesso em: 21 jun. 2011.

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **Memória Educativa**. Brasília. 2003. 13 p. não publicado.

ALMEIDA, Sandra Fonseca Conte de. Psicanálise e educação: revendo algumas observações e hipóteses a respeito de uma impossível conexão. In: COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE, USP, 3., 2002b, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300011&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 jun. 2011.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cad. Pesqui. São Paulo, V.26, n. 3, Sept./Dec. 2006. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-15742006000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 jun 2011.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **Ministério da Educação**. Brasília, DF, 20, dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2011.

BRUCHER, Richard; ALMEIDA, Sandra Fonseca Conte de. Psicologia, Psicanálise e Educação: três discursos diferentes?. In: **Psicologia e Psicanálise**: desafios. 2. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1991. p. 19-32.

CARDOSO, Silvia Helena. Memória: o que é e como melhorá-la. **Cerebromente**, São Paulo, 10 out. 2000. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n01/memo/memoria.htm>> acesso em: 27 jun. 2011.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 57 p.

FREUD, Sigmund. **Algumas reflexões sobre a psicologia escolar:** (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 13).

_____. **Etiologia da histeria:** (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 3).

_____. **Cinco Lições de Psicanálise:** (1910-1909). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 11).

GRINSPUN, Mirian P.S.F. Histórico da orientação educacional no Brasil. In: FÓRUM EDUCACIONAL, Rio de Janeiro, 7. Rio de Janeiro: [S.l.: s.n.]. p.56-90.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 55, n. 2, p. 201-210 maio-ago. 2006.

HOCKENBURY, Don H.; HOCKENBURY, Sandra E. **Descobrendo a psicologia.** 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2002. p. 201-235.

KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o futuro:** psicanálise e educação. 2. ed. São Paulo: Ed. Escuta, 2001. 162 p.

_____. O pensamento e sobre a educação. In: **Freud e a educação:** o mestre do impossível. Brasília, DF: Scipione, 1989. p. 15-55.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Democratização da escola pública.** Tendência pedagógica na prática escolar. São Paulo: Loyola, 1985.

LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). **A psicanálise escuta a educação.** Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 1998.

MACIEL, Maria Regina. Sobre a relação entre educação e psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. Botucatu, SP, **Interface:** comunicação, saúde, educação, v. 9, n. 17, mar.-ago. 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em: 25 maio 2011.

MACHADO, Virgínia. Definições de práticas pedagógicas e a didática sistêmica: considerações em espiral. **Revista Didática Sistêmica**, v.1, out.-dez. 2005. Disponível em: < <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/redsis/article/viewFile/1192/482>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

MALDANER, Jair José. **O inconsciente na prática pedagógica**. 2009. 139 f. ; Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009

MALDANER, Jair José; ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **Além das implicações do discurso psicopedagógico hegemônico na prática docente: olhares da Psicanálise**. Brasília. 2009. 23 p. não publicado.

MILLOT, Catarine. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=IR4IsR_Yg-AC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 18 jun. 2011.

MORGADO, Maria Aparecida. **Da sedução na relação pedagógica**. Passos: São Paulo, 1995.

MOTA, Janaina; BOMFIM, Adriana Pereira; NÉTO, Nastassja Silva. **Memória educativa e formação profissional a distância: os (des) caminhos de uma escolha**. In: COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE, USP, 7., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: < http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032008000100040&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 21 jun. 2011.

NASIO, Juan-David. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zarar, 1999.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de Professor**. Porto: Porto Editora. 2º ed. 1992.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michell. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zarar, 1998.

SAVIANI, Dermeval T. Tendências e correntes pedagógicas da educação brasileira. in: MENDES, Dumerval T. **Filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1985.

SCHWOLE, Marc. **Como conservar e desenvolver sua memória**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Disponível em: < <http://www.google.com.br/search?q=como+conservar+e+desenvolver+sua+mem%C3%B3ria&hl=pt-BR&tbo=1&tbm=bks&sa=2>>. Acesso em: 14 jun 2011.

SPELLER, Maria Augusta Rondas. **Psicanálise e educação**: caminhos cruzáveis. Brasília, DF, 2004.

TANIS, Bernardo. **Memória e Temporalidade**: sobre o infantil em psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

TRAZENDO a Arca. Marca de promessa. Rio de Janeiro: Graça Music. Álbum de 2007.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

- 1 – Quanto tempo tem de magistério? Por que decidiu escolher essa profissão?
- 2 – Como você se sente “na pele” de professor?
- 3 – Você considera importantes as vivências escolares em sua opção? Qual foi a experiência mais marcante na escola?
- 4 – Ao escrever sua memória educativa, sentiu alguma dificuldade ou bloqueio? Quais os sentimentos que emergiram durante a narrativa.
- 5 – A sua percepção da prática de professor. De onde vêm as maiores contribuições para seu “fazer pedagógico”?
- 6 – Fale um pouco sobre um momento mais significativo na sua vida de estudante.
- 7 – Você concorda com esta afirmação Almeida (2002) “o olhar sobre a vida do professor e ele enquanto pessoa passou a ser um imperativo, ou seja, da ordem do impossível separar o eu profissional do eu pessoal”. Por quê?
- 8 – Fazendo uma reflexão sobre sua prática, consegue perceber relações com a memória escrita?
- 9 – Espaço aberto para possíveis contribuições aos estudantes de Pedagogia em formação.

ANEXO A – Roteiro para elaboração da memória educativa

(Inês Maria M. Z. P. de ALMEIDA & Maria Alexandra RODRIGUES, 1998)

Apresentamos a oportunidade de realizar uma viagem ao passado através da elaboração da Memória Educativa, resgatando sua trajetória como estudante no intuito de registrar a influência das experiências vividas. Uma vez registradas, tornar-se-á possível sistematizar criticamente as representações e sentimentos da sua vivência estudantil, compreender e mapear as relações entre a sua história pessoal e escolar, identificar as questões psicopedagógicas emergentes que permearam o seu passado como aluno e influenciam você como sujeito-aprendiz e também sua prática docente ou de gestor.

Nada melhor do que a sabedoria do grande educador Paulo Freire, aliada à sensibilidade do tão especial Mário Quintana, para fundamentar a idéia desta atividade:

Seria impossível um mundo onde a experiência humana se desse fora da continuidade, quer dizer, fora da História. Não podemos sobreviver à morte da História que, por nós feita, nos faz e refaz. O que ocorre é a superação de uma fase por outra, o que não elimina a continuidade da História no interior da mudança. Paulo Freire (1995)

“O passado é um presente que insiste em não passar”. Mário Quintana (1979)

Esse percurso, desde a entrada na escola até o ingresso na universidade, em contato com diferentes educadores, conteúdos, avaliações, colegas, regras e rituais, permitiu-lhe esboçar uma concepção pessoal (subjetiva) acerca dos processos de ensino-aprendizagem, identificando, por exemplo, as características do “bom” e “mau” professor ou do diretor da escola, as melhores maneiras de ensinar e aprender, as estratégias que prendiam a sua atenção e a de seus colegas, ou que tornavam uma aula massacrante.

Assim, com base na sua trajetória escolar, a seqüência das significativas experiências e vivências assimiladas como sujeito-aluno é um material de pesquisa riquíssimo do qual você mesmo, como sujeito histórico, possui os registros. Este resgate pode ser o ponto inicial para o processo de construção e reconstrução da sua identidade de professor-educador-gestor.

Inspirado na sabedoria do grande mestre Guimarães Rosa, entregue-se à elaboração e análise reflexiva de sua memória educativa:

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazerem balance, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas terá sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. (Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas)

Propomos que elabore sua Memória Educativa, percorrendo cada etapa das interações com o seu processo formal de ensino-aprendizagem no mundo escolar, visualizando uma espiral de experiências vividas:

- ingresso na instituição Escola como aluno (creche ou pré-escola);
- a conquista da leitura e da escrita no mundo escolar;
- as experiências escolares no ensino fundamental;
- o processo ensino-aprendizagem no ensino médio;
- a opção pelo curso superior;
- o regresso à escola na “pele” de professor ou gestor e
- o impacto desse processo na formação do seu SER e seu SABER FAZER.

Destacamos um trecho do texto “Totem e tabu e outros trabalhos” (1913-1914), escrito por Freud:

É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres [...] Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamo-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma posição que bem poder ter tido suas inconveniências para os interessados. Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e a respeitá-los (FREUD, 1913, p. 248).

Nesse processo de resgate dos traços mnêmicos da sua historicidade educativa, primeiramente procure fazer anotações sobre fatos e nuances marcantes, positiva ou negativamente, identificando:

- as sensações visuais, olfativas, auditivas, táteis e afetivas;
- o ambiente escolar;
- os professores que tinha mais ou menos afinidade;
- as disciplinas que mais e menos gostava;
- as atividades de sucesso e insucesso;
- os aprendizados (que tipo de conteúdos, mais e menos interessantes, etc.);
- os conteúdos ensinados/aprendidos (metodologia);
- as relações professor-alunos e o clima vivido em sala de aula (a comunicação no grupo, os estilos e posturas dos professores que mais marcaram positiva ou negativamente);
- os processos de avaliação (modalidades e frequência das avaliações);
- o sentimento na “pele” de aluno (os medos, alegrias, sensações marcantes, vivências das regras e cobranças);
- as relações família-escola-sociedade (como sua família se envolvia com as questões da escola, em que medida a escola se mantinha em sintonia com a vida que ocorria fora dela).

Num segundo momento, após a identificação e o relato escrito, sugerimos que tente se distanciar um pouco da situação de sujeito do processo para realizar uma síntese e análise crítica. Algumas questões abaixo podem ajudar nesta reflexão:

- Que produto sou eu dessa interação de tantos anos com diferentes modos de ensinar e/ou gerenciar?
- Qual foi o impacto desse processo, depois de tudo o que vivi, e apesar das contradições, na escolha da minha profissão e/ou do meu papel de gestor?
- Como o que aprendi no passado está sendo ensinado hoje?
- Como percebo e vivencio hoje os papéis de professor e/ou gestor a partir das experiências escolares vivenciadas?

Lembramos que podem ser pesquisadas imagens (fotos, filmes, etc) da sua trajetória e que não existe um limite de laudas para o seu texto.

Referências

ALMEIDA, Inês Maria M. Z. P. de & RODRIGUES, Maria Alexandra. **Módulo Comum 8**: imersão no processo educativo das ciências e da matemática. Brasília: UNAB, 1998.

ALMEIDA, Inês Maria. **O Ser infante e o Ser Professor na memória educativa escolar**. Brasília: UNB, 2002.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, [199-]. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 13). (Originalmente publicado em 1913).

ANEXO B – Memória educativa da docente entrevistada

Lá em casa somos cinco irmãos, as mulheres são as mais velhas seguidas de dois homens. Comecei a estudar quando tinha seis anos. Como minha mãe havia estudado desde pequena no Colégio Maria Auxiliadora em Campo Grande/MS, ela nos matriculou em Brasília no mesmo colégio. Convivemos com freiras por toda a parte, algumas até nos davam aulas, além da disciplina de ensino religioso.

O CEMA não ficava muito próximo a casa onde morávamos na época, todos os dias minha mãe tinha que nos levar e buscar. Lembro-me do prazer quer tínhamos em nos arrumar para a escola, achávamos o uniforme lindo: saia pregueada azul marinho, short de elástico por baixo, camisa branca com bolso bordado com o brasão da escola, meia $\frac{3}{4}$ branca e sapatinho boneca preto. Minha mãe gostava de arrumar nossos cabelos, estávamos sempre de Maria Chiquinha, rabo de cavalo ou cheias de prendedores coloridos na franja.

O bloco do pré-primário ficava mais afastado do prédio principal que tinha três andares onde subíamos para os andares por uma rampa gigante. Minha primeira professora chamava-se Heloísa, ela era muito carinhosa conosco, mais não tenho muitas lembranças dessa fase. Lembro-me de na aula de ciências termos plantado uma árvore próxima a quadra de esportes, minha professora dizia que pela muda ela ficaria pequena e talvez nem vingasse de tão frágil. Minha alfabetização deu-se sem traumas, quando terminei o ano já estava alfabetizada. Lembro-me bem do primeiro livro que li: O Barquinho Amarelo. Acredito que o tenha lido milhões de vezes porque até hoje me lembro de alguns trechos. Para minha surpresa, quando entrei, já como professora na SEDF, fui à biblioteca de minha escola e me deparei com uma publicação do livro. Foi um momento delicioso, fiquei com ele em meu armário por vários meses. Mais tarde consegui uma doação de duas coleções da Ruth rocha para a biblioteca e solicitei a troca dos 30 livros pela cartilha. Hoje a estrutura da leitura do Barquinho Amarelo não condiz com a forma com que alfabetizamos, ele tem como característica a repetição de palavras de fácil leitura e com rimas para facilitar a memorização da história. Podemos compará-lo as cartilhas.

Quando fui para a primeira série tive a sensação de ganhar os espaços da escola. Podíamos transitar pelos pátios internos e externos, quadras cobertas, auditório, cantina, rampas, capela, parquinho. Nessa época uma lembrança muito forte foi a hora do recreio, nele podíamos trocar figurinhas. Eu sempre fui louca com figurinhas, adesivos, papéis de carta, borrachas com cheirinho e outros cacarecos

femininos. Os álbuns mais importantes da época eram: Amar é..., Snoopy e Walt Disney. Eu colecionava todos. Ainda os tenho completos na casa da mamãe. Era uma farra o recreio.

Durante meus estudos primários, muitas lembranças boas. Várias professoras muito queridas, aquelas que esperávamos chegar à série para estudar na sala delas. Uma decepção quando saíam da escola. Sempre fui boa aluna, tirava boas notas em todas as matérias e nunca fiquei para recuperação final. Durante os anos que cursei a terceira e quarta série todos os recreios passávamos fazendo piquenique embaixo da árvore que plantamos no prézinho. Nós a chamávamos de nossa árvore. Nessa época achei que ela havia crescido muito e minha professora havia se enganado. Anos mais tarde descobri que ela estava certa.

Eu e minha irmã adorávamos andar pelos lugares proibidos na escola. Certa vez fomos pegadas depois da aula no saguão de entrada do quarto das irmãs, tínhamos muita curiosidade em como era o espaço. A capela ficava sempre com uma luz vermelha acesa no altar. Estávamos sempre aprontando alguma.

Quando fui para o ginásio, fui estudar no colégio do meu tio. Lá levei um tempo para me adaptar, pois nunca havia estudado em colégio com meninos. Eu era muito tímida e eles pegavam no meu pé. Na verdade, no CEMA tínhamos muitas regras de convivência e a disciplina era impecável. A sensação que tive quando saí de lá é que éramos vigiadas o tempo todo.

Mesmo com toda a diversidade enfrentada, nunca deixei de ser boa aluna e passava de ano sem precisar de recuperação final. Lembro-me que nessa época meu irmão caçula começou a frequentar o jardim de infância na mesma escola. Todos os recreios e fins de aula eu ia lá e ficava brincando com a turminha dele ou conversando com a professora dele. Adorava aquele lugar!!

Quando passei para o ensino médio pedi a meu pai para voltar para o CEMA para fazer o magistério. Amava fazer as atividades de didática, passava horas elaborando atividades, cadernos e planejamentos. Tive a certeza que estava aprendendo minha profissão quando conheci a professora de literatura, ela nos encantava porque fazia a língua portuguesa parecer fácil e mágica através dos livros. No fim do terceiro ano engravidei do meu primeiro filho, ele nasceu em agosto e me formei em novembro. Fui oradora da turma em uma festa linda. Inesquecível. Das minhas amigas de magistério somente seis seguiram a profissão, outras

encontrei na faculdade fazendo psicologia, pedagogia, letras. Minha primeira formação é Letras e seis anos atrás voltei a estudar e fiz pedagogia.

Sou encantada com minha profissão e procuro sempre levar para a escola esses ambientes tão agradáveis que vivi durante minha formação escolar.